

Ciência e Tecnologia

Crise faz filhos apanharem mais

Estudo sobre a recessão de 2008 nos EUA mostra aumento na agressão física e psicológica pelas mães às crianças

SÃO PAULO

Criança sofre, todo mundo sabe. Também é óbvio que elas sofrem mais em época de crise, como na recessão americana de 2008 e 2009, nas mãos de mães estressadas. Mas será que todas sofrem da mesma maneira?

Não, responde um estudo publicado na revista PNAS, da Academia de Ciências dos Estados Unidos. Sofrem mais não os filhos de mães desempregadas, mas de mães portadoras de uma variante de gene associada com impulsividade.

Mais contraintuitivo ainda é outro achado do trabalho realizado em quatro universidades americanas (NYU, Princeton, Columbia e Penn State): quando a situação econômica melhora, essas mães impulsivas protagonizam menos episódios de agressão verbal e física contra filhos do que as portadoras da outra versão do gene.

Para chegar a essas conclusões, o

“O medo ou a incerteza sobre o futuro são mais difíceis de lidar”

Sara McLanahan, coautora do estudo

grupo usou dados do Estudo sobre Famílias Frágeis e Bem-Estar Infantil (FFS), de Princeton e Columbia, que acompanha 5 mil crianças nascidas entre 1998 e 2000 em 20 cidades americanas.

As mães foram entrevistadas sobre como tratavam os filhos quando eles tinham 3, 5 e 9 anos. O comportamento materno agressivo foi classificado com uma escala padronizada que abrange abusos verbais (como gritos) e físicos (como tapas e surras).

Amostras do DNA das mães foram colhidas e testadas para verificar qual versão do gene DRD2 elas tinham.

A proteína correspondente a esse trecho de DNA participa do controle dos níveis de dopamina no sistema nervoso, um neurotransmissor que ajuda a regular reações emocionais.

Esse conjunto de informações sobre variação do comportamento e predisposição genética foi então cotejado com dados sobre a situação econômica em cada uma das 20 cidades, como taxa de desemprego e índice de confiança do consumidor.

Constatou-se o esperado, que sobram mais gritos e tapas para as crianças quando a economia piora, mas com algumas peculiaridades. A correlação mais forte não se dá com o nível de desemprego, e sim com seu aumento.

“As pessoas podem ajustar-se a circunstâncias difíceis quando sabem o que esperar, enquanto o medo ou a incerteza sobre o futuro são mais difíceis de lidar”, afirma Sara McLanahan, de Princeton, coautora do artigo.



IMAGEM de campanha da Unicef para denunciar abusos: mães com gene do “pavio curto” agredem mais na crise

Novo olhar para custo da recessão

O economista e escritor Eduardo Giannetti opina que o estudo acrescenta uma dimensão ao custo de uma grande recessão que não está sendo computada.

Ele ressalva que a variável de maior impacto, nas pesquisas de bem-estar subjetivo, é o nível de desemprego, como fator de depressão, ou até de suicídios. “Mas a economia comportamental leva

muito a sério a percepção, que pode dominar o modo como a pessoa reage.”

O curioso é que, nos períodos em que a economia melhora, ocorre uma inversão. Mães impulsivas se tornam menos propensas ao abuso do que as menos impulsivas.

Mitchell Ginsberg, coautor do artigo, diz que ele reforça a hipótese “orquídeas e dentes-de-leão”.

As mães portadoras do alelo (variante) T, sensíveis como orquídeas, murcham em ambientes pobres. As demais, robustas como dentes-de-leão, florescem em qualquer lugar.

Para Sara McLanahan, outra coautora, não se deve falar em genes “bons” ou “ruins”. Dohoon Lee também recomenda cautela na interpretação dos resultados.